

SOCIOLINGUÍSTICA E COMUNICAÇÃO DIGITAL: O FENÔMENO DO 'INTERNETÊS' NO WHATSAPP ENTRE ADOLESCENTES

Heber Junio Pereira Brasão¹

Fabiane Maria Soares da Cunha²

Liliane Rodrigues Vaz³

Liliane Rodrigues de Oliveira Souto⁴

Douvânio de Oliveira Gomes⁵

Resumo:

A linguagem ocupa um papel central nas interações humanas, estabelecendo uma relação de mútua interdependência entre sociedade e língua. Este artigo tem como objetivo analisar o uso linguístico no aplicativo WhatsApp por parte dos jovens, enfatizando algumas das características desse dialeto popular comumente denominado “internetês” e suas possíveis repercussões na produção textual formal dos adolescentes. Considerando que a Sociolinguística tem como objeto de estudo a língua em suas múltiplas variações, o uso da linguagem digital pelos jovens configura-se como uma manifestação legítima das variações linguísticas de ordem social. Para fundamentar a discussão sobre a linguagem em contextos sociais diversos, recorre-se a referenciais teóricos de autores como Ferdinand de Saussure, William Labov, Marcos Bagno, Domenico Preti, entre outros. Apesar das transformações linguísticas promovidas pelas novas tecnologias, ressalta-se a relevância de se dominar os diferentes níveis de uso da língua, especialmente em contextos que demandam maior formalidade.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação linguística; Níveis de formalidade; WhatsApp.

Abstract:

Language plays a central role in human interactions, establishing a relationship of mutual interdependence between society and language. This article aims to analyze the linguistic use of the WhatsApp application by young people, emphasizing some of the characteristics of this popular dialect commonly called “internetês” and its possible repercussions on the formal textual production of adolescents. Considering that Sociolinguistics studies language in its multiple

¹ Licenciado em Letras Português/ Inglês, Filosofia e Sociologia. Mestre em Educação e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia.

² Licenciada em Letras Português. Docente no Centro Universitário Mario Palmério (UNIFUCAMP).

³ Licenciada em Pedagogia. Pós-graduada em Inspeção e Supervisão Escolar pela UNIFUCAMP e Gestão da Educação Municipal pela Universidade Federal de Uberlândia.

⁴ Licenciada em Letras. Graduação em Psicologia, Pós-graduação em Inspeção, supervisão e orientação escolar. Pós-graduação em Educação especial e Pós-graduação em Psicologia Clínica.

⁵ Licenciado em Matemática. Pós-graduado em Orientação, Inspeção e Supervisão e Mestrado Profissional em Gestão e avaliação da educação pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

variations, the use of digital language by young people is configured as a legitimate manifestation of linguistic variations of a social order. To support the discussion on language in different social contexts, theoretical references from authors such as Ferdinand de Saussure, William Labov, Marcos Bagno, Domenico Preti, among others, are used. Despite the linguistic transformations promoted by new technologies, the importance of mastering the different levels of language use is highlighted, especially in contexts that demand greater formality.

Keywords: Sociolinguistics; Linguistic variation; Levels of formality; WhatsApp.

Introdução

A sociedade contemporânea encontra-se imersa em uma ampla variedade de meios de comunicação, destacando-se, entre eles, os livros, jornais, revistas, televisão e, de maneira especialmente significativa, a internet. Com o avanço vertiginoso das tecnologias digitais, consolidou-se uma nova configuração comunicacional marcada pelo uso intensivo das redes sociais, as quais passaram a exercer papel central nas interações cotidianas. Dentre essas plataformas, destacam-se o e-mail, o Facebook⁶, o Twitter⁷ (atualmente X), os sites de relacionamento e, sobretudo, o WhatsApp⁸ considerado hoje a rede social mais popular no Brasil e uma das mais utilizadas no mundo.

De acordo com o relatório Digital 2024, produzido pelas empresas We Are Social e Meltwater, o WhatsApp mantém sua liderança entre os aplicativos de mensagens no Brasil, sendo utilizado por aproximadamente 93% dos internautas brasileiros. Em escala global, o aplicativo ultrapassou a marca de 2 bilhões de usuários ativos, consolidando-se como uma

⁶ Facebook é uma rede social lançada em 2004, fundada por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes da Universidade Harvard. Este termo é composto por *face* (que significa cara, rosto, em português) e *book* (que significa livro), o que indica que a tradução literal de facebook pode ser "livro de caras", como os anuários de alunos do segundo grau. Inicialmente, a adesão ao Facebook era restrita apenas para estudantes da Universidade Harvard, e logo foi a muitas universidades individuais (<https://www.significados.com.br/facebook/>).

⁷ *Twitter* é uma rede social e servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 140 caracteres. Os textos são conhecidos como tweets, e podem ser enviados por meio do website do serviço, por SMS, por aplicativos específicos do *Twitter* para smartphones, tablets etc. A palavra inglesa *tweet* significa "pio de passarinhos" e simboliza os vários "pios" (pequenas mensagens) que se acumulam na *timeline* do *Twitter*. A partir desse conceito, foi desenvolvido também o logotipo da rede social: um pássaro azul, que representa justamente a comunicação por meio de tweets, ou seja, "pios" (<https://www.significados.com.br/Twitter/>).

⁸ O WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas criado em 2009, adquirido pelo Facebook Inc. (atualmente Meta Platforms) em 2014. Por meio de uma conexão à internet, permite a troca de mensagens de texto, áudios, imagens, vídeos, documentos e chamadas de voz e vídeo. Tornou-se uma das ferramentas de comunicação mais utilizadas no mundo, destacando-se por sua popularidade no Brasil, onde é amplamente empregado tanto em contextos pessoais quanto profissionais e educacionais.

ferramenta essencial para a troca de mensagens instantâneas, áudios, imagens e vídeos. Sua praticidade e alcance contribuíram para a consolidação de novas formas de linguagem, caracterizadas por abreviações, emoticons, neologismos e estruturas sintáticas simplificadas, as quais refletem os hábitos comunicacionais dos diversos grupos sociais, especialmente os jovens.

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo principal analisar as características da linguagem utilizada pelos jovens na comunicação mediada pelo WhatsApp. Entre os objetivos específicos, destacam-se: (a) compreender o aplicativo como um instrumento de interação social e comunicacional; (b) investigar os modos de uso da linguagem por adolescentes, com ênfase nas práticas escritas informais; (c) identificar os sentidos atribuídos aos signos linguísticos utilizados nesse contexto; e (d) discutir de que maneira essas práticas podem interferir, positiva ou negativamente, na produção textual formal.

A relevância desta pesquisa encontra fundamento na necessidade contemporânea de compreender os processos de construção linguística entre os jovens usuários das mídias digitais, cuja comunicação se caracteriza pela fluidez, espontaneidade e notável distanciamento das normas gramaticais prescritas pela tradição escolar. No âmbito dessas interações virtuais — especialmente em plataformas como o WhatsApp — é possível identificar o predomínio de uma linguagem funcional, orientada não por critérios normativos formais, mas por convenções sociocomunicativas próprias de determinados grupos. Tais práticas linguísticas, muitas vezes marginalizadas pelos discursos pedagógicos tradicionais, são, na realidade, manifestações legítimas de identidades juvenis e de pertencimento sociocultural, que merecem ser analisadas com a devida seriedade acadêmica.

A linguagem digital, nesse sentido, configura-se como uma expressão do dinamismo da língua, evidenciando como os sujeitos, especialmente os mais jovens, adaptam e recriam formas de comunicação para atender às demandas de velocidade, economia e afetividade nas interações. Essas transformações, que envolvem a omissão de elementos gramaticais, o uso de abreviações, emojis e neologismos, não indicam empobrecimento linguístico, mas sim a emergência de novos letramentos — compreendidos como práticas sociais de leitura e escrita vinculadas a contextos específicos de uso. Portanto, compreender essas formas de expressão é essencial para o educador que deseja construir uma ponte entre o universo linguístico dos alunos e os conhecimentos sistematizados exigidos pelo ambiente escolar.

Nesse contexto, o papel do professor de Língua Portuguesa torna-se ainda mais desafiador e relevante. É imprescindível que o educador compreenda as diversas variações da

Língua Portuguesa, inclusive as manifestações linguísticas que emergem nas interações mediadas por tecnologias digitais. O conhecimento das especificidades da linguagem utilizada por jovens em aplicativos como o WhatsApp permite ao docente estabelecer um diálogo pedagógico mais sensível e eficaz, no qual se reconheçam as diferentes formas de falar e escrever sem deslegitimar nenhuma delas. Ao mesmo tempo, é dever da escola garantir o acesso à norma culta — não como forma de imposição excludente, mas como uma ferramenta adicional para ampliar as possibilidades comunicativas dos estudantes, especialmente nas situações que exigem formalidade e prestígio social.

Nesse sentido, a analogia de Marcos Bagno (1999, p. 130) permanece atual e elucidativa: “[...] a língua é como um grande guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta. Ninguém vai só de maiô fazer compras num shopping-center, nem vai entrar na praia, num dia de sol quente, usando terno de lã, chapéu de feltro e luvas.” A metáfora reforça a ideia de adequação linguística: há formas diferentes de falar e escrever, cada uma apropriada a determinados contextos e interlocutores. Assim, ao escrever um texto formal — como uma carta oficial, uma redação acadêmica ou um documento jurídico —, espera-se o uso da variedade padrão da língua, distinta daquela empregada em mensagens informais com amigos.

Ademais, é fundamental superar visões preconceituosas que associam o uso da linguagem digital à degradação do idioma. Estudos recentes no campo da Sociolinguística e dos novos letramentos demonstram que os jovens usuários da internet são, na verdade, multilíngues e multimodais, capazes de transitar entre diferentes registros, estilos e códigos comunicacionais. Tal competência linguística evidencia a complexidade cognitiva envolvida na produção textual digital e desafia os modelos tradicionais de avaliação e ensino da linguagem, que ainda tendem a valorizar exclusivamente a norma gramatical escrita.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresenta-se uma introdução que contextualiza o objeto de estudo e sua relevância social e educacional. Em seguida, são discutidos os fundamentos teóricos que norteiam a análise, abordando conceitos como linguagem, língua e fala, a constituição da Sociolinguística enquanto campo do saber, e as distinções entre norma e normas linguísticas. Posteriormente, realiza-se uma análise crítica da linguagem dos jovens nas interações digitais, com ênfase no WhatsApp e nos padrões comunicativos que emergem nos chats. Por fim, nas considerações finais, propõe-se uma reflexão sobre a importância de se reconhecer a legitimidade das variações linguísticas juvenis e de promover práticas pedagógicas inclusivas e críticas, que respeitem a diversidade

linguística e contribuam para a formação de sujeitos autônomos, reflexivos e linguisticamente competentes.

1. A Tríade Linguística: Linguagem, língua e fala na perspectiva sociolinguística

Quando se fala de linguagem, logo se pensa na necessidade de o homem se comunicar, por ser um fenômeno humano e estar relacionada com as práticas sociais. Desde que o ser humano nasceu, um mundo de signos linguísticos (sons, gestos) rodeia-o e, a partir do momento em que o homem começa a reproduzir o comportamento do próximo, sente a necessidade de se comunicar e começa a transmitir a própria mensagem. Por meio da linguagem, o ser humano consegue expressar seus sentimentos, sensações, tornando possível a troca de informações com pessoas de várias culturas e lugares.

Portanto, a linguagem é algo indispensável para a comunicação. Em um âmbito mais geral, ela se concretiza em cada grupo social na língua, que é um código linguístico, ou seja, um sistema de sinais que os indivíduos usam para se comunicar. A língua, por sua vez, tem sido alvo de estudo para muitos autores.

Segundo Saussure (2006), o estudo da linguagem se divide em duas partes: a primeira língua (*langue*) e a outra fala (*parole*). A *langue* é homogênea, sistemática, ou seja, um fenômeno social de todo o grupo, enquanto a fala (*parole*) é heterogênea, individual, material, inovadora, variável cada falante possui a sua forma individual de falar, sendo impossível separar uma da outra. A partir disso, Saussure define a língua como seu objeto de estudo, considerada um sistema de signos, formados pela união entre significante (imagem acústica) e significado (sentido).

Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas (SAUSSURE, 2006, p. 23).

A imagem acústica ou sonora é a impressão sonora do som, representada por meio de letras ou fonemas. Já o sentido seria a ideia, a representação mental de algo. Por exemplo, quando o falante recebe a imagem acústica /vaca/, logo vem a ideia de um animal, associando o significante ao significado, por isso eles são inseparáveis.

Labov, em contradição a Saussure, em vez de *langue*, centra seus estudos na fala (*parole*), considerando-a como social e não individual. Enquanto Saussure considera a língua um sistema único, estável, “sem erros”, Labov enfoca a língua como um aspecto de interação

entre o indivíduo e a sociedade.

Nas grandes civilizações, a língua é o suporte de uma dinâmica social, que compreende não só as relações diárias entre os membros da comunidade, como também uma atividade intelectual, que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa, até a vida cultural, científica e literária (PRETTI, 1982, p. 2).

Assim, cada pessoa faz uso da língua de acordo com suas necessidades pessoais. Ela é um sistema heterogêneo, pois muda com o tempo, e é influenciada por outras línguas; não existe uma só língua única e imutável. Dentro da fala de uma mesma comunidade, há diversos tipos de falantes que utilizam línguas diferentes, seja por idade, gênero, região, posição social, entre outros fatores.

2. Aspectos conceituais da sociolinguística

A partir de meados do século XX, a linguística passou por significativas transformações, aproximando-se de outras áreas do conhecimento, como a sociologia, a antropologia e a psicologia. Essa interdisciplinaridade propiciou o surgimento de novos olhares para o estudo da língua, não mais concebida apenas como um sistema formal e isolado, mas como um fenômeno socialmente situado. Foi nesse contexto que emergiu a Sociolinguística, campo que se dedica a compreender a relação intrínseca entre língua e sociedade, enfatizando as mudanças e variações linguísticas decorrentes do uso real da língua pelos seus falantes em diferentes contextos sociais.

O desenvolvimento da Sociolinguística como disciplina consolidada ocorreu a partir de 1964, nos Estados Unidos, catalisado pela publicação de obras pioneiras em Los Angeles, que estabeleceram bases metodológicas e teóricas para seu estudo. Dentre os precursores, destaca-se William Labov, cujas pesquisas sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, revelaram a importância da variação linguística como reflexo de fatores sociais e identitários. É relevante observar, entretanto, que o termo “sociolinguística” já havia sido mencionado anteriormente em trabalhos como os de Haver C. Currie, indicando uma preocupação precoce com os aspectos sociais da linguagem mesmo antes da formalização da disciplina.

Nas décadas de 1950 e 1960, o campo sociolinguístico expandiu-se em virtude da crescente necessidade de compreender as dinâmicas internas das comunidades linguísticas, bem como suas interações com outras culturas e línguas. Esse movimento permitiu a

aproximação entre diferentes áreas do saber, especialmente comunicação, sociologia e linguística, possibilitando uma abordagem holística da linguagem enquanto prática social. A Sociolinguística, assim, passou a ser fundamental para compreender não apenas os fenômenos linguísticos em si, mas também os processos de identidade, poder e integração social que se manifestam na fala cotidiana.

O objeto central da Sociolinguística é a língua falada, vista sob a perspectiva do contexto social em que é utilizada. Essa disciplina analisa as situações comunicativas de grupos sociais específicos, levando em conta a diversidade interna existente dentro da fala, como as variações regionais, sociais, estilísticas e contextuais. A variação linguística, portanto, é encarada como um fenômeno natural e essencial a ser investigado, sendo objeto de questionamentos fundamentais: quem fala, o quê, onde, quando, como e por quê? Dessa forma, a Sociolinguística busca compreender os processos de mudança linguística, os mecanismos pelos quais a língua se adapta e transforma conforme as condições sociais e culturais dos seus falantes, constituindo-se em um campo de investigação indispensável para o entendimento da linguagem enquanto elemento vivo e dinâmico da vida social.

A premissa básica da sociolinguística é que a linguagem varia sistematicamente conforme variáveis sociais como classe socioeconômica, etnia e gênero. Essa variação não é aleatória, mas é regida por normas e convenções sociais que moldam o comportamento linguístico dos indivíduos em uma comunidade. Ao estudar esses padrões de variação, a sociolinguística busca compreender a complexa relação entre linguagem e sociedade, revelando como a língua funciona como uma instituição social e um marcador de identidade social.” (LABOV, 1972, p. 17).

3. Norma e Normas Linguísticas

O conceito de norma linguística foi introduzido no campo da linguística por Eugênio Coseriu (1967), posicionando-se como um elemento intermediário entre as categorias teóricas de *langue* e *parole* formuladas por Ferdinand de Saussure. Enquanto a *langue* refere-se ao sistema abstrato da língua e a *parole* à sua realização individual e concreta, a norma representa o conjunto de práticas linguísticas compartilhadas por grupos sociais específicos, funcionando como um regulador das formas de fala dentro de uma comunidade linguística. Nessa perspectiva, a norma não se configura como um padrão rígido e homogêneo, mas sim como uma mediação dinâmica que orienta e controla as escolhas linguísticas dos falantes, semelhante ao conceito de moda discutido por Roland Barthes, que regula as preferências no vestuário e nos comportamentos sociais.

Com o avanço dos estudos sociolinguísticos, o conceito de norma passou a ser

ampliado e, em alguns contextos, identificado com dialetos ou variações linguísticas, evidenciando que as normas não são universais nem imutáveis, mas refletem a pluralidade e a diversidade socioculturais presentes no uso da língua. No Brasil, por exemplo, persiste um mito linguístico bastante difundido que sustenta a ideia de que existe apenas uma língua falada: o Português padrão. No entanto, tal argumento revela-se equivocado diante da realidade linguística do país, onde coexistem mais de duzentas variedades linguísticas — entre dialetos, sotaques e registros regionais que configuram um mosaico linguístico rico e complexo.

Essa diversidade manifesta-se pela constante transformação e adaptação da língua, demonstrando que o Português falado no Brasil não é um bloco compacto e monolítico, mas um conjunto heterogêneo de variedades linguísticas que se modificam conforme os contextos sociais, geográficos e culturais. Portanto, o que convencionalmente chamamos de “Português” corresponde, na verdade, a uma pluralidade de discursos e práticas linguísticas que refletem as múltiplas identidades e histórias dos seus falantes. Essa compreensão é fundamental para desmistificar concepções prescritivas e promover uma abordagem mais inclusiva e realista sobre a linguagem e suas normatividades no contexto brasileiro.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades (BRASIL, 1998, p. 29).

Na sociedade, verifica-se a existência de um preconceito profundamente enraizado em relação às variedades linguísticas, conhecido como preconceito linguístico. Tal preconceito manifesta-se na valorização excessiva da norma “cultura” ou variedade padrão, que tradicionalmente está associada às classes sociais economicamente mais favorecidas e detentoras de prestígio social. Essa norma padrão é frequentemente considerada como a única forma correta e legítima de falar a língua, enquanto as demais variedades frequentemente utilizadas por grupos sociais menos privilegiados são depreciadas como “feias”, “erradas”, “impróprias” ou “pobres”. Esse juízo de valor não apenas desqualifica a diversidade linguística presente na sociedade, mas também legitima hierarquias sociais por meio da imposição de um único modelo linguístico.

Consequentemente, os falantes de variedades não-padrão ou de formas populares do português são injustamente estigmatizados e rotulados como “pessoas sem língua” ou como detentores de um idioma inferior. Essa realidade é especialmente perceptível no ambiente

escolar, onde a criança, ao ingressar no sistema educacional, já possui um repertório linguístico próprio sua língua materna fruto de seu contexto familiar e social. Contudo, frequentemente, ela é compelida a abandonar essa variedade para adequar-se exclusivamente à norma culta exigida pela escola, sem que haja um reconhecimento legítimo e respeitoso da língua que ela domina. Tal imposição desconsidera a riqueza e a complexidade das variedades linguísticas, além de prejudicar o processo de aprendizagem e a autoestima do aluno.

Diante desse cenário, torna-se imprescindível que a escola adote uma postura inclusiva e reflexiva, reconhecendo e valorizando as variedades linguísticas em suas manifestações orais e escritas. A partir do respeito e da compreensão dessas diversidades, a instituição educativa pode promover um ensino que parta da realidade linguística do aluno para, gradualmente, introduzi-lo ao domínio da norma padrão, sobretudo nas situações que demandam essa competência. Essa abordagem pedagógica contribui para o desenvolvimento integral da capacidade discursiva do estudante, permitindo-lhe utilizar a língua de forma adequada e eficaz em diferentes contextos sociais e comunicativos, sem que isso implique a negação ou desvalorização de sua identidade linguística original.

O preconceito linguístico é a discriminação e a intolerância que se manifesta quando se julga e desqualifica uma variedade ou forma de falar da língua em função de critérios sociais, econômicos ou culturais, criando hierarquias e estigmatizando grupos sociais.” (BAGNO, 1999, p. 45).

3.1 Dimensões das variações linguísticas

Ao analisar uma comunidade linguística, observa-se a existência de múltiplas diversidades no uso da língua, tanto na modalidade oral quanto na escrita. Essas variações são características intrínsecas e naturais da língua, que se transforma continuamente ao longo do tempo e se diversifica espacialmente conforme as diferentes regiões e grupos sociais. A explicação para essas diversidades pode ser articulada a partir de quatro fatores principais: a variação histórica (diacrônica), a variação geográfica (diatópica), a variação social (diastrática) e a variação estilística, relacionada aos níveis ou registros de linguagem.

A variação histórica refere-se às transformações que a língua sofre ao longo do tempo. Esse fenômeno torna-se evidente quando comparamos textos produzidos em épocas distintas, evidenciando modificações vocabulares e estruturais. Certas expressões deixam de ser utilizadas, tornando-se arcaísmos, enquanto outras emergem para nomear novas realidades sociais, configurando os neologismos. Essas mudanças lexicais refletem a dinâmica da língua e sua adaptação constante, de modo que muitos termos de épocas passadas tornaram-se de difícil compreensão para os falantes mais jovens, que desconhecem seu significado atual.

A linguagem sofre mudanças constantemente através do tempo, podemos citar por exemplo a palavra “Você” antigamente era Vossa Mercê que se transformou sucessivamente em Vossemecê, Vosmecê, Vancê e, com o passar do tempo, foi sendo modificada, por populações, culturas, povos diferenciados, entre várias outras palavras que ao longo do tempo vai sofrendo variações (CALVET, 2004, P. 100-110).

Denomina-se variação geográfica o conjunto das diferenças no modo de falar de cada região. Vejamos alguns exemplos no texto Tipos de Assaltante:

Tipos de Assaltantes

Assaltante Cearense:

Ei, bixim...
 Isso é um assalto...
 Arriba os braços e num se bula nem faça munganga...
 Passa vexado o dinheiro senão eu planto a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora...
 Perdão meu PadimCiço, mas é que eu tô com uma fome da moléstia...

Assaltante Mineiro:

Ô sô, prestenção...
 Isso é um assartin, uai...
 Levanto os braço e fica quetin que esse trem na minha mão tá cheio de bala...
 Miópassá logo os trocados que eu num tôbão hoje...
 Vai andando, uai, tá esperando o que, uai.

Assaltante Gaúcho:

O gurí, ficas atento...
 Báh, isso é um assalto...
 Levantas os braços e te aquieta, tchê!
 Não tente nada e tome cuidado que esse facão corta que é uma barbaridade...tchê!
 Passa os pilas prá cá!
 E te manda a la cria, senão o quarenta e quatro fala!

Assaltante Carioca:

Seguiiiinnte, bicho...
 Tu ta lascado, isso é um assalto...
 Passa a grana e levanta os braços rapa... Não fica de bobeira que eu atiro bem pra cacete...
 Vai andando e se olhar pra trás vira presunto...

Assaltante Baiano:

Ô meu rei...(longa pausa)... isso é um assalto...
 Levanta os braços, mas não se avexe não...
 Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado...
 Vai passando a grana, bem devagarinho...
 Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado...
 Não esquentá, meu irmãozinho, vou deixar teus documentos na próxima encruzilhada...

Assaltante Paulista:

Ôrra, meu... Isso é um assalto, cara...

Alevanta os braços, meu...

Passa a grana logo, ô meu...

Mais rápido,ô meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pa comprar o ingresso do jogo do Curintia, meu...

Pô, se manda, meu...

Assaltante Candango (Brasília):

Caro povo brasileiro, no final do mês, aumentaremos as seguintes tarifas energia, água, esgoto, gás, passagem de ônibus, iptu, ipva, licenciamento de veículos, seguro obrigatório, gasolina, álcool, imposto de renda, IPI, ICMS,PIS, COFINS...

(Autor desconhecido- Texto da internet)

No corpus textual analisado, é possível identificar a ocorrência de vocábulos e entonações que evidenciam as particularidades linguísticas de diferentes estados e regiões do Brasil, como o cearense (Ceará), o mineiro (Minas Gerais), o gaúcho (Rio Grande do Sul), o carioca (Rio de Janeiro), o baiano (Bahia), o paulista (São Paulo), bem como as formas de expressão utilizadas por autoridades sediadas em Brasília. Tais manifestações configuram variações geográficas, entre as quais se insere também o chamado "falar caipira", característico de sujeitos que, muitas vezes, não tiveram acesso à escolarização formal e, por conseguinte, à norma culta da língua.

A variação social, por sua vez, refere-se à forma de expressão de grupos específicos, diretamente relacionada a fatores que dizem respeito à identidade sociocultural dos falantes e às suas posições no tecido social. Entre esses fatores, destacam-se a classe social (por exemplo, as diferenças no modo de falar entre um médico e um vendedor ambulante), a faixa etária (com destaque para o uso de gírias e expressões próprias dos jovens, que os distinguem das gerações anteriores), o gênero (as distinções entre o falar masculino e feminino) e a situação comunicativa, ou seja, o contexto em que se dá a interação verbal, o qual demanda adaptações linguísticas conforme o interlocutor e o ambiente.

Já a variação estilística refere-se às diferentes formas de uso da linguagem por um mesmo indivíduo, dependendo do contexto comunicacional. Um mesmo falante pode empregar registros distintos conforme esteja em um ambiente familiar, em um círculo de amigos ou em situações profissionais formais. Por exemplo, um advogado tende a utilizar uma linguagem técnica e formal ao se dirigir a um magistrado no tribunal, distinta daquela utilizada em interações informais com amigos ou familiares.

Essas variações, longe de indicarem erros ou inadequações, refletem a riqueza e a dinamicidade da língua, que se molda continuamente às necessidades comunicativas dos

falantes. A Sociolinguística, ao valorizar essas múltiplas manifestações linguísticas, contribui para a desconstrução de preconceitos linguísticos, evidenciando que toda variedade é legítima dentro de seu contexto social e funcional. Essa perspectiva crítica é fundamental para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, que reconheçam a diversidade linguística como um patrimônio cultural e não como um obstáculo ao aprendizado.

Nesse sentido, é imprescindível que o ensino de língua portuguesa nas escolas não se limite à normatização gramatical, mas promova uma abordagem reflexiva e crítica sobre a linguagem, que leve em consideração os diferentes usos da língua no cotidiano dos estudantes. Tal postura favorece não apenas a compreensão da norma culta como uma dentre as diversas possibilidades linguísticas, mas também fortalece a autoestima dos alunos, especialmente daqueles oriundos de grupos socialmente marginalizados, cujas formas de expressão são, muitas vezes, estigmatizadas no ambiente escolar.

3.2 A Linguagem juvenil: Características e particularidades

Os jovens possuem formas próprias e distintivas de expressão linguística, cuja dinâmica apresenta diferenças marcantes em relação às gerações anteriores. Esse fenômeno tem sido objeto de estudo de diversos autores ao longo do tempo, configurando-se como um grupo social delimitado pela variável etária, que se insere nas categorias das variações sociais da linguagem. Essa especificidade linguística juvenil pode ser compreendida como um processo de mudança linguística ou a emergência de dialetos próprios, onde se destacam elementos como as gírias, expressões populares e, mais recentemente, formas inovadoras de comunicação digital, como o chamado “internetês”.

Historicamente, as gírias foram associadas a grupos marginalizados ou vistos socialmente como “malandros”, carregando um estigma negativo que limitava sua aceitação nos círculos sociais mais amplos. Contudo, com o avanço acelerado da tecnologia e a massificação dos meios de comunicação, essas expressões linguísticas ganharam maior difusão e aceitação social. Atualmente, observa-se que as gírias ultrapassaram os limites das camadas populares, permeando também os estratos sociais mais abastados, embora esses grupos mantenham, em geral, uma postura de adequação ao padrão culto da língua em contextos formais. Essa evolução reflete a fluidez e a capacidade da linguagem jovem de incorporar e transformar elementos culturais, evidenciando a linguagem como um instrumento dinâmico de identidade, pertencimento e inovação social.

Além disso, a linguagem juvenil exerce um papel fundamental na construção das

identidades coletivas, servindo como mecanismo de distinção e integração entre os pares. O uso de gírias e expressões próprias funciona como um marcador social que reforça a coesão do grupo, ao mesmo tempo em que desafia as normas linguísticas estabelecidas, contribuindo para a renovação e diversidade da língua no seu sentido mais amplo. Assim, o estudo da linguagem dos jovens não apenas revela processos linguísticos em transformação, mas também oferece importantes insights sobre as relações sociais, culturais e tecnológicas que permeiam as sociedades contemporâneas.

Alguns exemplos de gírias:

Dar um rolé: sair, passear;
Porrada: murro, soco;
Bater um fio: dar um telefonema;
Mano: forma de tratamento.

Podemos citar como um bom exemplo dessas tantas mudanças, é a linguagem utilizada entre internautas, ou seja, as famosas abreviações das palavras, criando uma utilização da linguagem, muitas vezes só compreendidas por eles mesmo, que não podemos classificar como erradas, já que ali está tendo uma comunicação e compreensão apesar que seja somente entre eles (MORDAZ, 2011, P. 123-135).

Assim como as gírias, desenvolveu-se também uma modalidade linguística peculiar entre os adolescentes, denominada “internetês”. Essa forma de comunicação caracteriza-se pela simplicidade na escrita, economia de caracteres e rapidez, adequando-se às especificidades das plataformas digitais e às necessidades imediatas da comunicação virtual. O principal objetivo do “internetês” é fomentar a interação e a criação de vínculos sociais entre os jovens, valorizando, sobretudo, a compreensão mútua e a informalidade que marcam esses espaços comunicativos.

Embora o “internetês⁹” seja amplamente utilizado e socialmente reconhecido dentro do universo juvenil, é importante destacar que suas estruturas vocabulares e sintáticas não se enquadram nos parâmetros formais da gramática normativa. Diante disso, é imprescindível que os jovens desenvolvam a habilidade de alternar entre diferentes registros linguísticos, reconhecendo as situações apropriadas para o uso desses dialetos informais e, simultaneamente, sabendo adequar sua expressão à norma culta nos contextos formais, escolares e profissionais.

⁹ O termo “internetês” refere-se a uma variedade linguística emergente nas comunicações digitais, caracterizada pelo uso de abreviações, neologismos, símbolos, e grafias alternativas que visam à rapidez e à economia na troca de mensagens, sobretudo entre os jovens nas redes sociais, mensagens instantâneas e outras plataformas virtuais. Essa forma de linguagem informal se distingue da norma culta e é um fenômeno contemporâneo que reflete as mudanças nos modos de interação comunicativa proporcionados pela tecnologia.

Essa competência comunicativa, conhecida como diglossia ou variação situacional, é fundamental para a construção de um domínio linguístico flexível e eficaz, capaz de transitar entre a inovação expressiva e a conformidade normativa, conforme as demandas sociais e comunicativas.

O ‘internetês’ configura-se como uma variação linguística que emerge no ambiente virtual, caracterizada pela economia linguística, uso de abreviações, símbolos e grafias alternativas, visando a rapidez e a eficiência na comunicação entre os jovens.” (MAGALHÃES, 2015, p. 82).

4 A dinâmica linguística no ambiente do WhatsApp

Com o avanço das tecnologias digitais e da internet, diversos meios de comunicação têm emergido, dentre os quais destaca-se, atualmente, o WhatsApp. Paralelamente ao seu crescimento, desenvolveu-se uma linguagem própria, especialmente difundida entre os adolescentes, caracterizada por um uso frequente de abreviações e formas condensadas de expressão. Para indivíduos que possuem menor familiaridade com as plataformas digitais, a compreensão dessas mensagens pode se revelar complexa, dada a presença de vocábulos codificados e abreviados, o que pode dificultar a leitura e interpretação correta do conteúdo. A ausência de intimidade ou proximidade com o interlocutor, que permita esclarecer eventuais dúvidas, pode acarretar falhas comunicativas e mal-entendidos.

Esse fenômeno linguístico, conhecido como “internetês” ou dialeto virtual, teve sua origem no ambiente online, sobretudo em salas de bate-papo, onde a necessidade de agilizar a troca de informações impôs a criação de códigos linguísticos condensados. Embora o público jovem seja o principal usuário e difusor dessa forma de linguagem, observa-se que pessoas de diferentes faixas etárias também têm aderido a essa modalidade, ainda que em proporção significativamente menor. Esse processo evidencia a capacidade adaptativa da linguagem frente às novas demandas comunicativas trazidas pelas tecnologias digitais.

A justificativa dessa escrita do Whatsapp é se adaptar a uma forma mais fácil de escrever, e como visto anteriormente, pela agilidade, afinal quanto mais rápido correrem as informações melhor. Também, com o uso dos *emoticons*, muitas palavras ou expressões podem ser substituídas (Figura 1).

Figura 1 *Emoticons* utilizados nas conversas via internet.



Essas “carinhas” são alguns dos *emoticons* do Whatsapp, que podem substituir a escrita como uma forma de expressar os sentimentos. Para entender melhor essa linguagem, é necessário que os professores de Língua Portuguesa estejam conectados a essas mudanças e levem para a aula de aula, discutam com os alunos, apresentando, a partir disso, as diversas formas de trabalhar a língua, seja ela oral ou escrita.

4.1 WhatsApp: Um novo modelo de comunicação digital

O WhatsApp Messenger é um aplicativo de comunicação digital que possibilita a troca instantânea de mensagens de texto, áudios, imagens, vídeos, documentos, além da realização de chamadas de voz e vídeo, tudo isso mediante conexão com a internet. O software foi criado em 2009 por Brian Acton, de nacionalidade americana, e Jan Koum, ucraniano, ambos ex-funcionários da empresa Yahoo. Em 2014, o WhatsApp foi adquirido pela empresa Meta Platforms Inc. (antigo Facebook) por um valor estimado em 16 bilhões de dólares, tornando-se uma das maiores transações do setor tecnológico até então.

Considerado por muitos como um substituto eficiente do antigo serviço de SMS, o WhatsApp destacou-se no cenário global pelas inúmeras funcionalidades que oferece de forma gratuita. Entre seus diferenciais, destaca-se a sincronização automática dos contatos telefônicos, dispensando a necessidade de adicionar manualmente amigos, como ocorre em outras redes sociais. Além disso, o aplicativo permite a criação de grupos de conversa, nos quais múltiplos usuários podem interagir simultaneamente, promovendo a comunicação coletiva de maneira rápida e acessível.

Com o passar dos anos, o WhatsApp tem se modernizado continuamente, incorporando novos recursos que ampliam sua funcionalidade. Um exemplo disso é a possibilidade de personalização do status do usuário, permitindo a publicação de mensagens de

texto, bem como, mais recentemente, o compartilhamento de imagens e vídeos com duração limitada, seguindo tendências de outras plataformas digitais. Tais inovações consolidam o WhatsApp como uma das principais ferramentas de interação social na contemporaneidade.

4.2 A expressão linguística na comunicação por chat

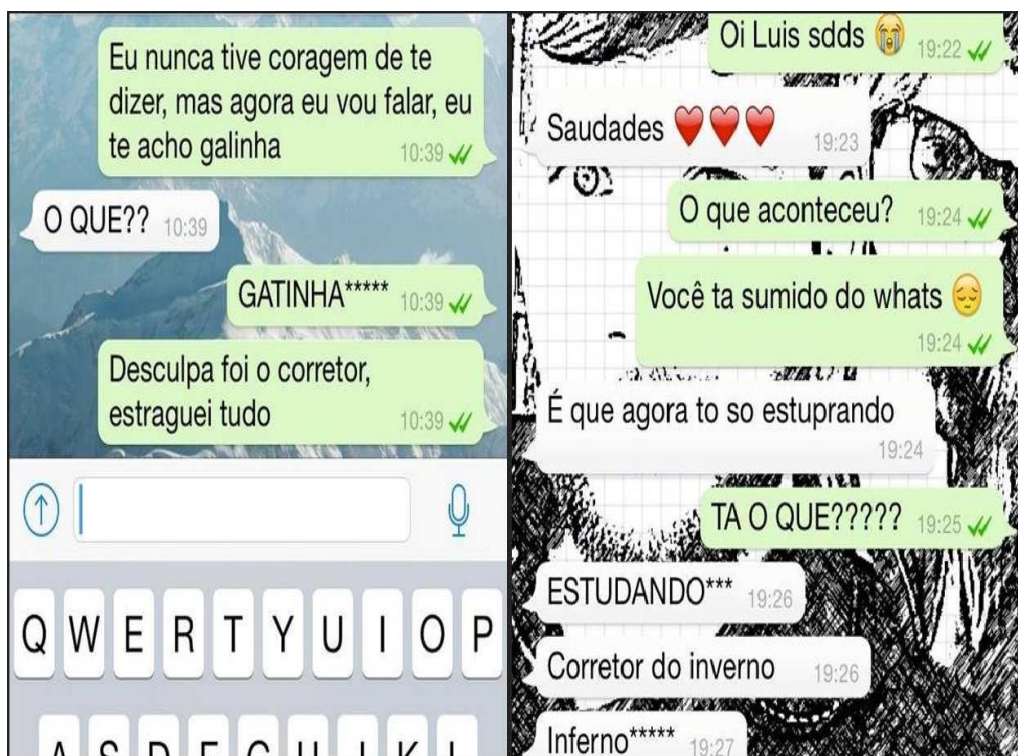
Segundo o Dicionário de Português Online⁷ *chat* é uma palavra inglesa que se refere à comunicação escrita realizada em tempo real, por meio da internet (ou de uma rede de computadores) entre dois ou vários utilizadores; sala de conversação online. Em uma linguagem mais simples são os chamados grupos do Whatsapp.

Nesse meio de interação, podem reunir-se amigos, familiares, tudo em um só lugar. Neles, são encontradas linguagem verbal (escrita), não verbal (*emoticons*, imagens), sonora (áudios, vídeos). É um tipo de vocabulário em que o jovem pode falar com a maior liberdade, sem se preocupar com a forma de escrever, pois no Whatsapp não existe nenhuma regra gramatical, o jovem pode usar abreviações, *emoticons* e, apesar de existir o corretor ortográfico, poucos o usam.

Falando em corretor ortográfico, este também tem feito os jovens passarem por alguns constrangimentos (Figuras 2 e 3):

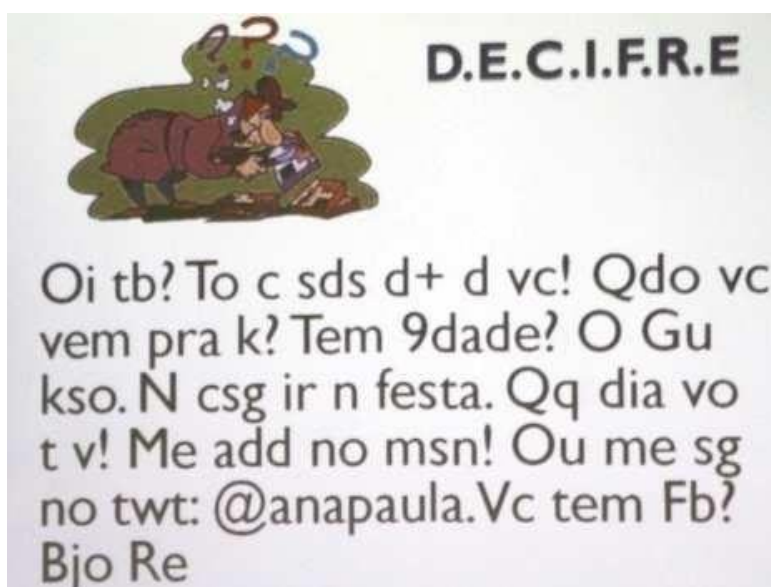
⁷ <https://www.lexico.pt/chat/>

Figura 2 Reprodução de conversas no Whatsapp [1]



Apesar de o corretor ser uma forma de auxílio na hora da escrita, nem sempre ele é amigo dos jovens. Na figura 3, encontramos alguns exemplos de abreviações utilizadas pelos adolescentes:

Figura 3 Reprodução de conversas no Whatsapp [2]



Para entender essa linguagem moderna é preciso estar conectado ao mundo da internet. Traduzindo essa conversa ficaria assim: “Oi tudo bem? Estou com saudades demais de você! Quando você vem pra cá? Tem novidade? O Gu casou. Não consegui ir na festa. Qualquer dia vou te ver! Me adiciona no Messenger! Ou me segue no Tiver: @anapaula. Você tem facebook? Beijo Re”.

Na Figura 4 há mais alguns exemplos dessas abreviações.

Figura 4 Abreviações utilizadas nas redes sociais

Internetês	Tradução	Internetês	Tradução
vc, vs	você	fmz	firmeza
xau	tchau	ag	agora
kbça	cabeça	abç	abraço
n, naum	não	vlw	valeu
jg	jogo	flw	falon
hj, oj	hoje	9da10	novidades
blz, bls	beleza	t+	até mais
aki, aqi	aqui	k	cá
ksa	casa	p	para
q	que	s	sim
eh	é	fla	fala
axo	ácho	d	de
kkk, shuashuahs	risadas	bj, bjos, bjok, bjç, bjo, bju	beijo, beijos
uas, rrsrrsrs, aosksaoks			

A grande preocupação desse tipo de linguagem é que os jovens deixaram de falar como se escreve e começaram a escrever como se fala. A maior parte dos jovens passam grande parte do dia nas redes sociais, conversando em grupos de amigos e se acostumam a escrever dessa maneira. O problema é quando chegam à escola e precisam redigir um texto, começam a usar essas expressões que são próprias das redes sociais.

O Whatsapp é um aplicativo muito eficaz, que proporciona às pessoas uma rapidez de informações, utilizado pelas empresas, para grupos de estudos, o que os jovens precisam ter cuidado é para não deixar que esse dialeto que usam no Whatsapp não os atrapalhe na hora em que precisarem usar uma linguagem formal, pois, para cada situação, é necessária uma linguagem diferente.

Considerações finais

Diante da relevância da temática, esta pesquisa teve como objetivo central analisar as especificidades da linguagem utilizada pelos jovens no ambiente digital do WhatsApp, buscando compreender se tal variedade linguística comumente identificada como um dialeto virtual poderia interferir na produção de textos formais. Partiu-se do pressuposto de que o modo de falar dos adolescentes não pode ser considerado incorreto do ponto de vista linguístico, pois a língua é, por definição, um sistema vivo, heterogêneo e em constante transformação, composto por múltiplas variações que refletem as identidades sociais e individuais de seus falantes. Nesse sentido, a linguagem empregada no WhatsApp não deve ser vista como uma ameaça à norma culta, mas como mais uma manifestação legítima da diversidade linguística que caracteriza o uso da língua em contextos específicos.

É preciso, contudo, distinguir a linguagem oral e informal marcada por espontaneidade, criatividade e flexibilidade da linguagem escrita formal, que segue convenções normativas mais estáveis. A língua escrita, sobretudo aquela utilizada em contextos acadêmicos, institucionais ou profissionais, requer maior grau de planejamento e obediência às normas gramaticais estabelecidas. Como bem observa Bagno (2004, p. 81), “as palavras voam, os escritos permanecem”, o que reforça a ideia de que a escrita demanda maior cuidado, justamente por seu caráter duradouro e documental. As inovações linguísticas que surgem na oralidade e no espaço digital podem, com o tempo, influenciar a norma padrão, mas para isso é necessário que seu uso se consolide entre diferentes grupos sociais e em diversos contextos de comunicação.

Ademais, é provável que os próprios jovens, à medida que amadurecem e adentram outras esferas da vida social como o mercado de trabalho, o ensino superior e os concursos públicos percebam a necessidade de desenvolver competência no uso da variedade padrão da língua. Isso não significa suprimir suas formas naturais de expressão, mas sim ampliar seu repertório linguístico e adquirir consciência dos diferentes registros e contextos de uso. A fluidez entre os variados níveis de linguagem torna-se, assim, uma habilidade fundamental, pois possibilita ao sujeito transitar com segurança entre diferentes situações comunicativas, utilizando-se da norma culta quando necessário, sem desprezar as outras formas legítimas de expressão linguística.

Em síntese, compreender a linguagem dos jovens no WhatsApp é reconhecer a vitalidade e a pluralidade da língua, ao mesmo tempo em que se destaca a importância da formação linguística crítica e reflexiva, capaz de respeitar a diversidade e promover o domínio

das diferentes modalidades da linguagem como ferramenta de inserção social, acadêmica e profissional.

Referências

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14.724, de 17.03.2011**. Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Válida a partir de 17.04.2011. Rio de Janeiro, 2011.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália. Novela Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Preconceito linguístico** – o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALVET, Louis- Jean. **Sociolinguística**. Uma Introdução Crítica 2.ed. São Paulo: Parábola 2004.

CAMACHO, Roberto. Variação linguística Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 2º Grau. **Variação Linguística e ensino de língua materna**. São Paulo: SE/CENP/UNICAMP, 1978, vol. IV.

CHAGAS, Roselaine das. **Apostila de sociolinguística**. Monte Carmelo: Fucamp, 2016.

COSTA, Sandra Diniz. **Lingugem, língua e fala**. Monte Carmelo:Fucamp, 2015.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral**. Rio de Janeiro/ São Paulo, Presença/ EDUSP, 1979.

MAGALHÃES, Luciana. **Linguagem digital e práticas comunicativas: uma análise do internetês**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MORDAZ. Alfabetização no Brasil: conjeturas sobre as relações entre Linguagem e Norma. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/ago. 2011, p. 43-200.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis da fala**. São Paulo: Nacional,1982.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.